



# JOSÉ MANOEL DA CONCEIÇÃO E JOÃO MARIA DE AGOSTINI: DUAS FACES NA RELIGIOSIDADE POPULAR

**Jair de Almeida Júnior**

Mestre em Novo Testamento pelo Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPGAJ) e em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição (JMC) e pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Professor no Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição.

E-mail: [jair.a@terra.com.br](mailto:jair.a@terra.com.br)

---

## RESUMO

Nascido na cidade de São Paulo, José Manoel da Conceição foi criado por seu tio-avô padre depois da morte de sua mãe. Seu novo logradouro passou a ser Sorocaba. Sofreu forte influência Jansenista em sua educação, com ênfase na penitência e na introspecção. Como subdiácono, assinou a *acta* da Revolta Liberal provavelmente mais por simpatia a seu “padrasto”. Depois, vai trabalhar em uma pequena vila chamada Ipanema, originada pela instalação de uma fundição. Foi em suas cercanias que João Maria foi morar. Na capela da Vila onde assistia José Manoel, foi franqueada a palavra ao eremita pelo diretor da fundição. Na véspera do natal de 1844, João Maria registra-se como estrangeiro em Sorocaba, declarando ser residente na região. Por algum tempo, José Manoel e João Maria tiveram oportunidades de encontro, uma vez que em 29 de setembro de 1844, o primeiro é ordenado diácono e vai para o centro de Sorocaba. Outras possibilidades são vistas nas celebrações do natal de 1844 e as visitas de José Manoel aos seus amigos protestantes, em Ipanema. A probabilidade de terem tido algum contato pode encontrar algum apoio no modelo “religioso popular” adotado por José Manoel posteriormente, visto na simplicidade quase andrajosa, na recusa do recebimento de qualquer dádiva como “pagamento” ou mesmo gratidão pelos serviços religiosos prestados, a convivência direta com o povo ao invés da religião institucionalizada. Mesmo historicamente, as vidas de José Manoel e João Maria se aproximam, ao terem sido envolvidos em duas insurreições: a Revolta Liberal e a Guerra do Contestado, respectivamente. É provável que José Manoel ainda conservasse algumas influências de seu catolicismo anterior, especialmente vistas em sua tendência à independência não rebelde (jansenismo), à solidão (monasticismo), o que inclui a continuidade do celibato, embora tenha manifestado seu desacordo quanto a esta prática, ainda como católico. Possivelmente, esta opção foi exercida por ser mais conveniente ao modelo de evangelismo que

JOSÉ MANOEL DA CONCEIÇÃO E JOÃO MARIA DE AGOSTINI, p. 100-131  
Jair de Almeida Júnior

101

adotara. Tal argumentação serve para mostrar que é plausível a hipótese dos dois personagens terem se encontrado, e, quem sabe, tiver servido de influência para que José Manoel assumisse um modelo de “religioso popular” em sua evangelização protestante.

## PALAVRAS-CHAVE

---

José Manoel; João Maria; religioso popular; itinerância; evangelização protestante.

## 1. INTRODUÇÃO

---

Embora seja personagem tão central na gênese da Igreja Presbiteriana do Brasil, e assim, à própria inserção do protestantismo brasileiro, a vida de José Manoel da Conceição tem sido pouco explorada. Parcos são os estudos e artigos a seu respeito. De igual forma, não se ouve falar, com frequência, de dissertações e teses que o tenham como tema. A solidão buscada pelo primeiro pastor brasileiro em seu ministério itinerante parece também incluir a pesquisa a seu respeito. Esse aparente ostracismo acadêmico pode ser decorrente de certa “canonização” da sua história, tomando escritos pioneiros e clássicos que a narram, como se fossem a última palavra (e, praticamente, a primeira?) sobre o assunto. Os excelentes trabalhos biográficos de Boanerges Ribeiro quanto à matéria: *O padre protestante* e *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*, talvez tenham causado alguma acomodação ou mesmo receio aos pesquisadores de ir além do caminho desbravado pelo pioneiro escritor, quiçá trilhar novo percurso, inibidos à sombra projetada pela monumental e competente pesquisa. Se, por um lado, a “canonização” de clássicos pode ser fator desmotivador para o estudo, por outro, a “totemização” do personagem onera a investigação. Quando o agente histórico é ícone, como é o caso de José Manoel no protestantismo, tende a se tornar “mito”. Em outras palavras, constrói-se uma aura exageradamente “positiva” ou “correta” ao redor de sua pessoa, que impede que erros, mesmo associações ou influências pouco

ortodoxas ou díspares, como a possibilidade que sugerimos neste artigo, sejam sequer nomeados, vistos quase como “blasfêmia histórica”. Por certo, em tempos pós-modernos, a ênfase no “novo” e a tendência de reescrever (modelar?) a história são riscos que devem ser considerados. Embora acreditemos que não seja, ainda, o caso de “desmitologizar” o Padre Protestante, assumimos o compromisso de estudá-lo, um risco calculado e deliberado de arranhar qualquer verniz, aplicado por alguém, em sua “imagem”. Devemos considerar que, religiosamente falando, ao valorarmos exageradamente a “grandeza” de alguém, diminuimos os méritos divinos. Somente quando a “ferramenta” é reconhecida como imperfeita e tratada na fraqueza e nas falhas de sua humanidade é que a habilidade do “Artífice” será destacada e apreciada, sua glória reconhecida.

José Manoel da Conceição ocupa lugar destacado, especialmente na história da Igreja Presbiteriana do Brasil. Estranhamente, estabeleceu-se como data de fundação dessa denominação uma ocasião quando nenhum trabalho presbiteriano havia ainda, isto é, o dia da chegada do seu primeiro missionário, Ashbel Green Simonton, que se deu no dia 12 de agosto de 1859, na Baía do Guanabara, Rio de Janeiro (SIMONTON, 2002, p. 125). Seu ministério começou efetivamente apenas depois de alguns dias, primeiro pregando a marinheiros de fala inglesa nos navios ancorados, e depois a comerciantes americanos e ingleses que haviam se estabelecido na então capital do Império. Simonton é lembrado não apenas por ter sido o primeiro missionário, mas, igualmente, por ter sido abundantemente frutífero em tão breve ministério. Sua vocação foi, espiritualmente, o Brasil. Tendo vindo para cá logo após sair de sob as mãos dos que o ordenaram ao pastorado, morreu depois de oito anos, aos 35 anos, deixando como legado um presbitério<sup>1</sup> e um seminário. No impacto de sua morte precoce, soma-se à dramaticidade de sua biografia a perda de sua jovem esposa,

---

<sup>1</sup> O presbiterianismo tem como estrutura uma organização de governo, que se inicia na igreja local, dirigida por uma diretoria chamada de “Conselho”, formado pelos presbíteros eleitos pela Igreja e presidido por seu pastor. Com número mínimo de quatro igrejas geograficamente próximas, forma-se um “Presbitério”, que tem sobre si uma diretoria que o administra. Contando com análoga liderança, com no mínimo três Presbitérios, forma-se um “Sínodo”. No cume da pirâmide está o Supremo Concílio, cuja Comissão Executiva é o órgão maior da denominação no país.

morta pouco tempo após celebrarem um ano de matrimônio, por complicações do parto da primeira filha (FERREIRA, 1952, p. 14, 52-55, 60, 61). Curiosamente, José Manoel da Conceição rivaliza em atenção e importância o fundador do presbiterianismo brasileiro na história da denominação. Esse destaque não é exagerado. Certamente, não se deve, apenas, por ter sido o primeiro pastor brasileiro. Assim como Simonton, José Manoel foi extremamente eficiente em sua obra de evangelização, e, da mesma forma que aquele, morreu relativamente jovem, no exercício da sua vocação. Talvez não haja prova mais contundente da centralidade do “Padre Protestante” na Igreja Presbiteriana do Brasil e para as demais denominações presbiterianas do que lhe atribuírem sepultura, exatamente, ao lado da de Simonton. Cooperadores em vida, vizinhos na morte. Ambas as campas estão em lugar de destaque no Cemitério dos Protestantes, em região nobre da Cidade de São Paulo, identificadas com o mesmo código G-111-E (MAGALHÃES, [19--], p. 57). As sepulturas irmãs simbolizam na consciência histórica dos protestantes a ligação entre o missionário americano e o primeiro pastor brasileiro, ícones da narrativa do presbiterianismo nacional. Isso explica por que são mantidas pela Igreja Presbiteriana. A grande questão que motivou este artigo é a possível interação entre José Manoel e João Maria, este, o primeiro “monge” do Contestado, personagem que, a exemplo do Padre Cícero no Nordeste, tornou-se “santo” na consciência religiosa do catolicismo popular de boa parte dos habitantes dos Estados sulistas. É possível que João Maria e José Manoel tenham se encontrado? Se isso se deu, qual a sua importância para a vida de José Manoel? À hipótese do encontro se junta a conjectura da influência (em que e até que ponto?) do religioso italiano sobre o jovem aspirante ao sacerdócio católico. O *modus operandi* do italiano recém-chegado João Maria e o paulistano José Manoel é o modelo religioso popular, produto do mesmo matiz social. O contato entre eles poderia explicar o modelo peculiar de evangelismo adotado por José Manoel em seu ministério, o exato método praticado pelos anacoretas do catolicismo rústico visto nos sertões da nação, do qual o “monge” foi um dos seus mais destacados representantes.

## 2. JOSÉ MANOEL DA CONCEIÇÃO

Foi na “Mesopotâmia Paulista”, a cidade de São Paulo, onde José Manoel da Conceição deu o seu primeiro brado, logo ao sair da madre. Nasceu, em plena gestação do Império Brasileiro, em 11 de março de 1822. Aparentemente, a vocação para a “independência” estava em seu sangue, o que é perceptível não apenas no que diz respeito ao seu primeiro chamado ao sacerdócio católico, mas, de certa forma, também quanto à prática de sua ordenação protestante posterior. Haveria de empunhar uma “Bíblia evangélica” em riste, declarar sua independência do catolicismo, algo que começou às margens do ribeiro de Ipanema, junto à comunidade protestante. Tal seria sua única arma nas batalhas religiosas que travaria como apóstolo do protestantismo. Era filho de Manoel da Costa Santos, português, e Cândida Flora de Oliveira Mascarenhas, carioca, neta de açorianos. Tendo como padrinho seu tio-avô e padre José Francisco de Mendonça, tornou-se seu “filho” depois do falecimento de sua mãe e as novas núpcias de seu pai (MATOS, 2004, p. 297). Foi essa a família que conheceu como “sua”, pois foi muito cedo assumido pelo padrinho. Isso percebemos por meio de seu próprio testemunho: “O padre José Francisco de Mendonça, irmão de meu avô Manuel Francisco de Mendonça, criou-me e educou-me” (RIBEIRO, 1995, p. 7-9). Assim, José Manoel cresceu em Sorocaba, interior de São Paulo, local da primeira “aparição” daquele que seria conhecido como o “Seu” João Maria, primeiro “monge” do Contestado. É curioso que, mesmo após renunciar o romanismo, José Manoel não atribuía à crença de sua família peso majoritário de heresia, mas reconhecía-a como “evangelho”. Parece que percebia na religião praticada por “seus pais” um misto de tradições católicas com princípios evangélicos, todavia, sendo esses os prevalentes. Boanerges Ribeiro (1995, p. 11) dá uma mostra do catolicismo praticado na época, transcrevendo um extrato do testamento de um padre, onde aparece a invocação a Maria como Mãe Santíssima, advogada dos pecadores, São José, Anjo da guarda, e, ainda, Espíritos Bem-aventurados. É digno de nota que, após sua conversão ao protestantismo, reconheça como “evangelho” crença

que conserve, ainda, tantos elementos da doutrina romana. Veremos no devido momento que tal “fé” não diferia basicamente daquilo que cria o primeiro monge do Contestado, João Maria de Agostini.

Intelectualmente, tudo indica, José Manoel foi nutrido com o jansenismo, o que explica suas tendências protestantes posteriores. Aos doze anos estudou na classe de primeiras letras do padre Jacinto Heliodoro de Vasconcelos, em Sorocaba, onde se utilizava o Catecismo do bispo Colbert, de Montpellier, obra vetada pelo vaticano por ser seu autor jansenista (HACK, 2001, p. 68). Embora José Manoel, em plena adolescência, certamente tenha estudado o Catecismo de Meninos, nível próprio para sua idade, e não o Catecismo de Adultos (no qual se via a base para a sentença católica), é provável que, arguto e atento, respirasse os ares do ambiente onde se encontrava, inalação que se daria mesmo que inconscientemente. É possível que José Manoel tenha sido profundamente marcado pela ideia da penitência, prática que se destaca no catecismo que estudou. Enfatiza que é por ela que o pecador dá satisfação a Deus pelos seus pecados, após a confissão auricular. A fórmula de confissão (*Confiteor*) do catecismo intensifica o peso de culpa das faltas cometidas, ainda que distribuído nos “ombros” de vários “confessores divinos”. Destarte:

Eu pecador, me confesso a Deus Todo Poderoso, e à Bem aventurada e sempre virgem Maria, e ao Bem aventurado S. Miguel Arcanjo, ao Bem aventurado S. João Batista, e aos santos apóstolos S. Pedro e S. Paulo, a todos os Santos e a vós, irmãos, que pequei muitas vezes por pensamentos, palavras e obras por minha culpa, minha grande culpa (RIBEIRO, 1995, p. 14).

Boanerges Ribeiro (1995, p. 14) argumenta que a “confissão do *Catecismo* dispensa sacerdote; apegase a toda a corte celeste e, ainda, aos ‘irmãos’ mas a aplicação da expiação de Cristo no Calvário não dispensa a penitência ‘em toda a nossa vida’”. Depois de concluir as primeiras letras, estudar latim e ler obras clássicas, já com 18 anos, começa a ler a Bíblia. Logo de início, encontra incongruência entre sua Sagrada leitura e a doutrina católica. Percebe a inconsistência do celibato imposto aos padres com a ordem da procriação, dada pelo Criador

ao primeiro casal no livro de Gênesis (RIBEIRO, 1995, p. 17). Para concretizar seu desejo de ser sacerdócio católico, José Manoel deixa Sorocaba e vai estudar em São Paulo, o que se deu, provavelmente, entre 1840 e 1842. Foi em 30 de abril desse ano que, aprovado nos exames episcopais, foi tonsurado e recebeu a ordem de subdiácono. O não conformismo de José Manoel mostrou-se também político, quando engrossou as fileiras dos adeptos da Revolta Liberal que eclodiu em Sorocaba, em 17 de maio de 1842. Seguindo o exemplo de seu tio-avô, assinou a *Acta* da revolta (RIBEIRO, 1995, p. 20, 21). José Manoel vai exercer suas atividades religiosas em Ipanema, perto de Sorocaba, onde o governo imperial havia implantado uma fundição. Na localidade havia escravos e operários alemães, obviamente luteranos, chefiados por um inglês de nome Godwin, onde também pôde travar amizade com um dinamarquês, que carregava o antropônimo Langaard (FERREIRA, 1992, p. 44, 45). Boanerges Ribeiro nos informa que eram 27 famílias de alemães, acrescidas das do inglês e do dinamarquês. O contato com os estrangeiros causou profundo impacto no religioso católico, especialmente a dedicação que tinham na devoção diária, a ponto de considerar se a religiosidade deles era a mesma praticada no Brasil. O referido autor observa que a atitude de José Manoel foi contrária àquilo que aprendera, uma vez que o catecismo que estudara chamava os protestantes de hereges, destinados ao inferno. Curiosa e paradoxalmente, embora os execrasse, ao mesmo tempo, o catecismo se ligava aos protestantes, por terem as mesmas raízes agostinianas. Foi apenas em 1843, depois da Revolta Liberal, que as ordenações se reiniciaram na região de Sorocaba. No entanto, José Manoel continuaria no “estaleiro”, sob a alegação de que, contra ele, corria processo eclesiástico por ter participado da insurreição. Não era só isso: já lhe pesava, também, a acusação de confraternizar com os hereges estrangeiros (RIBEIRO, 1995, p. 23, 24). O subdiácono desenvolveu certa simpatia pelos protestantes, fruto do impacto da religiosidade deles aliada ao possível favorecimento ocasionado por suas prováveis influências jansenistas. Contudo, poderia ser, ainda, uma evidência da inclinação de beneficiar não conformistas e perseguidos?

Finalmente, em 29 de setembro de 1844, José Manoel é ordenado diácono, e retorna a Sorocaba, onde batizou os



filhos da família híbrida evangélico-católica de seu grande amigo, o dinamarquês Langaard. Em 29 de junho de 1845, com 23 anos, foi ordenado presbítero e logo transferido para Limeira. Embora todos os padres signatários da Revolta Liberal tenham sido anistiados, o documento do perdão tornou-se também a memória do delito. Destarte, premia a necessidade de uma transferência, o que veio imediatamente, mais para o interior, para a cidade de Limeira (RIBEIRO, 1995, p. 24). O não conformismo de José Manoel quanto à religião majoritária do Brasil foi assumindo contornos de ruptura, decepcionado com seu almejado sacerdócio católico e as perseguições que sofria por “seu protestantismo”. Sua batina se mostrava cada vez mais “rota”, revelando sob ela uma vestimenta simples, de alguém que quer “ir para a roça”, caminho do sertão. A itinerância pelo interior aparentemente começava a pulsar em suas veias, uma espécie de chamado a sussurrar em seus ouvidos. Cerca de um mês depois de receber a visita de Alexander Blackford em novembro de 1863, “pendura a batina”. Sua amizade com o seu visitante presbiteriano se fortaleceu, atraindo-o à cidade de São Paulo a fim de estudar a Bíblia, para finalmente render-se ao batismo protestante. Em 28 de setembro de 1864 entrega sua carta renúncia ao bispo, e em 29 de dezembro de 1866 é emitida sua excomunhão (HACK, 2001, p. 71-74).

### 3. JOÃO MARIA DE AGOSTINI<sup>2</sup>

Oswaldo Cabral (1979, p. 107) descreve o João Maria I da seguinte forma:

Houve um anacoreta de cabelos longos e grisalhos, a barba longa e o olhar manso, que desejava a solidão e o isolamento, a quietude e as durezas da vida contemplativa, as horas longas passadas em orações e em êxtases, tal como o haviam feito muitos outros que fugiram ao convívio dos homens para se aproximarem de Deus.

---

<sup>2</sup> Este tópico segue o que discorro em Almeida Junior (2009b, p. 79-83).

### Eis a lenda de João Maria:

Segundo antiga lenda, o profeta vinha da Galiléia. Seu nome hebraico era Joannah Jeshona. Aos 20 anos teria raptado Aischa, uma jovem e linda mulçumana com quem se casou. Logo em seguida teve de ir combater como soldado em Alexandria, contra o Exército expedicionário francês, onde foi feito prisioneiro. Ao ser repatriado recebeu a infeliz notícia que sua formosa esposa que tanto amara, havia falecido. Estava Joannah com 33 anos. Sumamente amargurado, resolveu empunhar o bastão de peregrino, com a promessa de percorrer o mundo mais de 77 anos... (é mais provável, até os 77 anos), por uma revelação que tivera (FELIPPE, 1995, p. 19).

Daqui, facilmente podemos reconhecer alguns elementos da imaginação religiosa dos sertanejos posteriores. De início, destaca-se a forte influência do cristianismo, mormente o catolicismo que conheciam: o profeta vem da Galileia, uma clara sobreposição do Messias anunciado nas Escrituras Cristãs. Além disso, seu segundo nome “Jeshona” e os 33 anos como o início das suas peregrinações (idade da morte de Jesus) são alusões ao Cristo Bíblico. O mito sertanejo inclui a implícita sugestão de sua origem israelita, pelo nome que lhe é dado. Em seguida, há um romance que parece ter sido composto com elementos da história de Carlos Magno e os Doze Pares de França, tais como uma linda jovem mulçumana, exército francês e a guerra. Há, por fim, uma evidência do catolicismo, ao assumir uma promessa, algo típico da religião romana. A vida de João Maria é descrita como a de um andarilho. Os relatos a seu respeito se iniciam pouco depois da Guerra do Paraguai. Afirma-se que perambulou por vasta região, que vai desde o interior do Rio Grande até o sul de Mato Grosso do Sul, de forma especial a região de campos e das florestas de araucárias, onde nascem os afluentes do Iguazu e do Uruguai. Eram comuns os relatos de pessoas que testemunharam uma “aparição” do monge, surgindo, repentinamente e sem aviso prévio, pelo meio de algumas ramagens ou em uma picada, longa barba grisalha e servindo-se de um bordão. “Monge” é o equivalente sulista do “beato” nordestino. O comportamento de João Maria obedecia a certo padrão, coisa típica da religiosidade: não aceitava pouso nas casas; antes, procurava

acolhida sob as copas de árvores, geralmente próximo a uma corrente de águas, onde armava sua tenda e acendia a fogueira, essa indispensável para o chimarrão. Foi notado primeiramente em Sorocaba, tido como um eremita, habitante de uma caverna local. Foi descrito como alguém simples, piedoso e de vida extremamente regrada. Quando a noite caía e calava os labores humanos, suas rezas e cantoria alcançavam considerável distância, provocando reações dissonantes entre os moradores locais. Alguns o consideravam louco. Outros, um religioso autêntico. O personagem João Maria foi costumeiramente acusado de insanidade e o maior responsável pela carnificina resultante da Guerra do Contestado. Tal concepção pejorativa contrasta com a ideia que tinha dele o sertanejo catarinense, em toda a sua simplicidade, signo das suas esperanças e ícone de sua fé. Definitivamente, esse personagem tão controverso na história foi definitivamente canonizado no imaginário rústico (VINHAS DE QUEIROZ, 1981, p. 107).

Deve-se, todavia, esclarecer que esse “monge”, ou simplesmente São João Maria, foi, na verdade, produto da vida de dois homens. Esse, sem dúvida, é o caso mais literal de dupla personalidade. O homem que deu nome ao personagem se chamava João Maria de Agostini (ou “Agostinho”). Sabe-se que nasceu em 1801, em Piemonte, região montanhosa ao norte da Itália, lugar de camponeses. Os acontecimentos relativos ao período que antecedeu sua vinda ao Brasil são praticamente desconhecidos, mesmo sua chegada. O que se sabe concretamente é que essa se deu no Pará, onde embarcou no dia 19 de agosto de 1844 para o Rio de Janeiro, no vapor *Imperatriz*. Em dezembro do mesmo ano, apresentou seus documentos na Câmara Municipal de Sorocaba, Província de São Paulo. Era véspera de Natal. Estava para nascer um “messias” italiano no Brasil. Afirmou ser solteiro e ter como profissão “solitário eremita”, residente e domiciliado nas matas das cercanias do município, especificando o morro da Fábrica Ipanema. No seu registro, Procópio Luis Leitão Freire descreveu o monge como tendo estatura baixa, cútis clara, grisalho, olhos castanhos, tendo a boca e o nariz regulares. Sua barba era cerrada e tinha rosto comprido. Apresentava um “defeito” físico que o identificava: era aleijado de três dedos na mão esquerda (VINHAS DE QUEIROZ, 1981, p. 108-109).

Em todo tempo que João Maria permaneceu em Ipanema mostrou-se homem piedoso, simples e de comportamento austero. Sua vida é descrita como rigorosamente sóbria e severa. Buscava na solidão de seu abrigo voltar mente e coração a Deus, a quem elevava sua voz em cânticos e rezas. Embora não descesse com frequência ao povoado, não perdia oportunidade de comparecer à Missa, momento no qual lhe franqueavam a palavra. Nunca foi acusado de heresia, de ter proclamado qualquer ensinamento contrário ao catolicismo estabelecido, ou de ser cismático. Oswaldo Cabral (1979, p. 111) nos informa que o monge frequentava a capela de Ipanema, exato lugar em que estava José Manoel, ainda no início de sua carreira católica, tonsurado subdiácono. O modelo de vida do primeiro João Maria estabeleceu certo padrão, que foi imitado, em parte, pelo João Maria II e por José Maria, este, o terceiro e último dos monges do Contestado. A vida simples dos monges caracterizava sua atividade como doação, mais do que troca. Fernando Santos Granero, tratando a respeito do sistema político Amuesha, povo da América Andina, reconhece que o fato de os seus sacerdotes não receberem benefícios como retribuição dos seus serviços colocava-os em vantagem sobre os seus liderados. Esses se sentiam sempre em débito para com aqueles. O poder moral exercido pelos sacerdotes, segundo o autor, é muito mais eficiente do que o poder coercitivo exercido em outras sociedades. Um dos mais flagrantes exemplos naquela comunidade era a negação da poligamia para os sacerdotes. Aparentemente, o prazer sensual era tido como elemento contrário ao sagrado ou sobrenatural. Destarte, conclui que, possivelmente, representava alguma troca, o prazer sensual pelo prazer de ser obedecido, praticamente, venerado (GRANERO, 1993, p. 222). No Contestado percebemos algo semelhante. Os três monges são apresentados como sexualmente abstinente. Mesmo José Maria, o derradeiro e mais belicoso monge, que parece ter querido se casar e viveu maritalmente por algum tempo, desfrutava da mesma condição de “santo”, não envolvido com os prazeres carnis. Percebemos que, enquanto José Maria era vivo, o poder exercido sobre a comunidade dos rebeldes era moral. O respeito a ele era devido pelos seus seguidores. Após sua morte, os que o sucederam não eram considerados santos doadores, não estabelecendo dívida

do povo para com eles. Destarte, o poder deixou de ser prestigioso e passou a ser coercitivo, chegando a excessos, à medida que o movimento se aproximava de seu final.

É possível reconhecer ênfases na vida dos três monges, que não apenas os distinguem, mas nos ajudam a compreender o processo que levou à eclosão da guerra. Em João Maria I, realça-se a influência do catolicismo tradicional. Por ter nascido na “bota da velha senhora”, apresentava religiosidade marcadamente tridentina. Aparentemente, era exemplo de algum tipo de modelo excêntrico do catolicismo ortodoxo. Frequentava com alguma regularidade a missa celebrada na Capela de Ipanema, costumando dirigir a palavra aos presentes ao término do trabalho oficial. Não pretendia a criação de alguma seita. Não era cismático ou herético, o que comprovam franquearem-lhe a prédica e o acesso à capela da fábrica e as rezas que fazia ali pelo padre Antônio Dias de Arruda. Sua fé era autenticamente católica, ortodoxa, o que explica o porquê de nunca receber qualquer censura eclesiástica. Ainda em Sorocaba, constatamos seu hábito de “plantar” cruzeiros, como foi, possivelmente, o caso da que existiu entre Araçoiaba da Serra e Tatuí, à margem da estrada. Mais notável ainda foram as 14 cruzeiros fincadas na encruzilhada próxima a Sorocaba. Segundo se conta, foi erigida pelo solitário morador de Pedra Santa, auxiliado por alguns sitiantes. João Maria de Agostini era devoto de Santo Antônio, “pai” do monasticismo, habitante dos desertos do Egito, bastante popular na Europa, especialmente no folclore e nas benzeduras, todavia, quase desconhecido no Brasil. Como Santo eremita, exerceu papel importante na formação da fé e das crenças de João Maria de Agostini. Segundo Oswaldo Cabral, teria sido o contato ocasional do monge com um ídolo de seu santo devoto que teria lhe despertado o desejo de edificar-lhe e consagrar-lhe uma capela. É indiscutível que o conhecimento que possuía sobre a vida do personagem monástico não foi recebido em terras brasileiras. Certamente, era sua bagagem intelectual e religiosa de quando desembarcou em nosso país (CABRAL, 1979, p. 112, 125, 127, 128). Fato é que transitou até o Rio Grande do Sul, atravessando Paraná e Santa Catarina por itinerário desconhecido. No entanto, há relatos de ter sido visto na Lapa, no Rio Negro, em Lajes e em Santa Maria. Sabe-se que, deixando

Sorocaba, partiu pelo agreste até alcançar o Paraguai, de onde se dirigiu a São Borja e, depois, estabeleceu-se em Santa Maria, passando pelas Missões. É possível que a associação a “Maria” não seja ocasional. O monge, que tem em seu nome o antropônimo da própria “mãe de Deus”, decide fixar residência em cidade que destaca a peculiaridade de sua vocação maternal: “Santa Maria”. Não é possível determinar se isso foi consciente. Contudo, mesmo que não tenha sido, parece que tal fator influenciava o seu “destino messiânico”. Essa suposição ganha ainda mais força quando nos lembramos de que dizia estar em missão sagrada, cumprindo uma promessa feita à Santa Mãe de Deus. Haveria de servir-lhe de “filho”? Digno de nota é que João Maria de Agostini não procurou a popularidade, embora, devido às suas práticas piedosas e “miraculosas”, esta a perseguisse (VINHAS DE QUEIROZ, 1981, p. 51; CABRAL, 1979, p. 113-114, 118).

Sabe-se que buscou audiência com o general Soares de Andréia, em Porto Alegre, presidente da província do Rio Grande. Seu objetivo era resgatar uma imagem de Santo Antão que soube estar abandonada nas ruínas dos Sete Povos das Missões. Pretendia erigir-lhe uma capela onde residia no Campestre de Santa Maria. Ali, em um morro, estabeleceu o templo, realizando, diariamente, serviços religiosos, nos quais se dizia inspirado por Deus. Ao longo da encosta plantou cruzeiros que conduziam ao topo, onde descansava a capela idealizada, dedicada a Santo Antão, no interior da qual habitava a imagem que foi buscar nas citadas ruínas. Nesse seu lugar espiritual havia uma fonte de águas cristalinas, às quais se atribuíam poderes curativos, uma espécie de catolicismo ortodoxo em versão rural. Sua conduta irrepreensível, aliada à prática do bem e aos milagres que lhe foram impingidos, renderam-lhe a alcunha de “santo”. Ao ser divulgada sua fama, passou a atrair devotos e peregrinos. Afluíam oriundos não apenas de Santa Catarina, Paraná e São Paulo, mas também argentinos e uruguaios. A partir daí, o eremita dá lugar ao líder religioso. O isolamento foi abandonado em detrimento de uma vocação messiânica. Contudo, continua a pregar em linha com o catolicismo ortodoxo, anunciando a palavra do Evangelho reconhecido pelo romanismo e as práticas devocionais em harmonia com o Vaticano, todavia, muito mais do que mero devoto. A simples utilidade de um objeto ou animal, por parte do monge,

poderia ocasionar um “milagre”. Há o relato de Joaquim Borges que ilustra o fato. Tendo chegado de longa viagem a pé, e após o pouso daquela noite, foi-lhe cedida uma montaria que o conduziu até a cidade da Lapa. O fato lendário é relativo ao animal que o transportava. Reza o conto que ele manquejava e, ao deixar o monge em seu destino, voltou para a fazenda sem o defeito que marcava suas passadas (CABRAL, 1979, p. 116, 124-125, 135). Entretanto, a popularidade de João Maria trouxe apreensões, especialmente ao presidente da província. O general Andréia, consciente da ascensão do monge ao imaginário popular, enviou um grupo de médicos para investigar cientificamente a fonte de Campestre, tida como miraculosa. O laudo foi que a água tinha propriedades excelentes, mas nada sobrenatural. Contudo, uma vez que a fé no monge persistia, temendo que o grupo se tornasse uma multidão de fanáticos incontrolláveis, ordenou sua prisão e posterior traslado para o Rio de Janeiro. Joaquim Silveira interpreta isso como perseguição ao monge, especialmente por se portar como curandeiro. Adepto de uma espécie de curandeirismo, utilizava ervas que, associadas com suas rezas, cria-se sarar as enfermidades dos que o procuravam. Certamente, tal prática, embora muito comum pelos rincões da nação, associada à aglomeração de devotos, não era bem vista pela medicina, pelo governo e pela religião formal. Não se sabe quanto tempo permaneceu na capital do Império. Porém, em 1851, já estava no Paraná. Aparentemente, em algum período posterior a 1862, retorna a Sorocaba. Tem-se notícia que em 1865, conforme Aloísio de Almeida, ou 1870, pelo depoimento de João Lourenço Rodrigues, sumiu, sem deixar vestígios (CABRAL, 1979, p. 135, 138-139)<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Quanto a isso, há um fato curioso que demanda pesquisa mais aprofundada e de resultado pouco provável. Em 1866, José Manoel, já pastor presbiteriano, conta em um de seus relatórios que, passando por Atibaia encontrou um “padre” João Maria, que mostrou grande interesse no evangelho (COLEÇÃO CARVALHOSA, [s. d.], p. 34, 35). Seria uma pista do paradeiro do morador de Pedra Santa em seus últimos anos? O monge estaria com 65 anos e estabelecido em uma cidade, radicado em uma igreja católica. Embora seja chamado “padre” no relatório de José Manoel, pode ser que tal designação não seja literal. Lembremo-nos de que João Maria, mesmo não sendo sacerdote católico, tinha franqueada a palavra ao término das missas em Ipanema. É provável que sua nacionalidade italiana lhe favorecesse quanto a isso, destacando-o entre os católicos. O perfil de João Maria I era ortodoxo o bastante para se fixar em uma igreja. Era amigo dos padres e acentuadamente devoto. Embora de vocação eremita e itinerante, sua estada em Santa Maria (RS), no Campestre, quando

## 4. ENCONTROS E DESENCONTROS

Ipanema foi o útero de dois missionários tão distintos: um católico, que alcançou o extremo sul do Brasil, tornando-se, postumamente, ícone de uma guerra e santo no catolicismo popular; outro, evangelista contumaz, primeiro pastor protestante brasileiro e “inspiração” para muitos crentes. É impossível determinar, com as informações que dispomos, se José Manoel e João Maria conviveram, mesmo que por breve tempo, em Ipanema. O que temos são fortes indícios que dão base para acreditarmos que não apenas tiveram tempo para poderem se contemplar, como, provavelmente, cordialmente se apresentar. O monge estava no Rio de Janeiro em agosto de 1844 de onde subiu para São Paulo. Registrou-se na Câmara Municipal de Sorocaba na véspera do Natal daquele ano. Porém, não temos a data de quando se estabeleceu em Ipanema. Suas palavras ao funcionário da prefeitura dão conta de que já “se achava residindo” em Ipanema, o que mostra que morava ali havia algum tempo. Já estava estabelecido, embora recém-chegado. É possível que tenha sido “obrigado” a se registrar (CABRAL, 1960, p. 108). Nesse caso, ficaria evidente que se passou algum tempo entre sua chegada em Ipanema e sua apresentação às autoridades. Sendo eremita, procuraria algum lugar remoto para “fixar” residência. Como óbvio desconhecedor da região, é pertinente imaginarmos que sondou moradores à procura de um ambiente propício a seu modelo de devoção. Uma gruta, em lugar tão deserto quanto o alto de um monte com uma capela “ao pé”, cairia como uma “meia” ao ermitão muitas vezes descalço. Era a capela em que José Manoel atuava como subdiácono, localizada à margem esquerda do ribeiro à sombra da montanha de Guarassajava, na vila

---

chegou a se estabelecer e erigir uma capela, deixa claro que a solidão não era algo insuperável ou indispensável a suas convicções. Seria, portanto, o caso de ter se fixado em Atibaia, trilhando o caminho, de certa forma, inverso ao de José Manoel, de um modelo rústico para o ortodoxo? Seria um final mais feliz, alternativo à hipótese de terminar seus dias em Ponta-Grossa (PR) ou Lagoa Vermelha (RS), ainda que, na mentalidade popular, encontre-se em estado de encantamento no Taió (SC). Talvez tenha escolhido como última morada um lugar mais perto de onde se fixou pela primeira vez no Brasil: Atibaia (SP).



originada pela fundição que se estabeleceu ali, tocada por funcionários estrangeiros e os escravos (RIBEIRO, 1979, p. 44). João Maria chegou a dirigir ali palavras na missa. Teria José Manoel escutado a mesma cantoria religiosa e as mesmas rezas de João Maria, ouvidas pelos moradores, que reverberavam de sua caverna nos altos? José Manoel presenciara alguma preleção do eremita na capela? Qual teria sido a sua reação àquele católico tão incomum? Será que não procuraria parlamentar com ele se tivesse oportunidade?

A solidão do monge não excluía visitas e contato com os camponeses. Sua vida posterior mostra que atuava como curandeiro, pregador e defensor do catolicismo, conselheiro pronto a assistir os “não incluídos” de nossa nação. Assim que seu estereótipo religioso se tornou conhecido nas redondezas, atraiu o povo sertanejo afeito às suas crenças, e, simultaneamente, repulsou os protestantes funcionários da Fundição, para quem era fanático e louco. Os relatos de suas práticas descrevem uma devoção vespertina. Era no silêncio da noite que a Vila ouvia suas rezas e seus cânticos. Talvez, não fosse exatamente “religioso de hábitos noturnos”, mas que, emudecido o dia, o silêncio da noite revelava o som de sua piedade. Sem a competição do tilintar dos martelos e do barulho das máquinas da fábrica, da ode comum da lide diária, “a voz da montanha” predominava, única e soberana. Beneficiado pela geografia do lugar, tinha na encosta uma barreira natural que evitava que o som se espalhasse propagando-se em todas as direções. Como concha acústica, direcionava-o ao vilarejo. Até os animais notívagos, mormente predadores, tendo por hábito o silêncio da tocaia, rendiam-se calados, “reverenciando” a expressão religiosa do ilustre inquilino da montanha. Dessa forma, o idoso “garoto de Ipanema”, semelhante à determinada moça da famosa praia carioca de mesmo nome, certamente por motivos diferentes, detinha toda a atenção dos que lhe eram próximos. João Maria desfrutava da exclusividade de público nas noites de Ipanema. O piar de aves noturnas, o coaxar de batráquios e anuros, o ruído dos insetos, tendo como fundo o som das águas do ribeiro levemente encachoeirado em cuja margem a vila se instalara, eram a “sinfonia da natureza” que conduzia o agreste à “contrição”, o respeito sertanejo a essa religiosidade tão peculiar. A “rádio” vocal do eremita difundia sua crença e devoção, poderoso marketing aos moradores da terra,

gente que passou a tê-lo como respeitado religioso, alguém a ser buscado para conselhos e rezas.

Outra possível interação entre os personagens se deu quando foi se registrar em Sorocaba. Era véspera de Natal. Salvo algum sério impedimento, João Maria procuraria a matriz em data tão expressiva para o catolicismo, uma vez que se encontrava na cidade. Pode ser, até mesmo, que tenha sido intencional, para dar-lhe oportunidade de celebrar o Natal na igreja. Ele não perdia a oportunidade de ir à missa. No Natal de 1844, José Manoel já estava oficiando em Sorocaba. Se assim foi, ambos estiveram no mesmo recinto, sob o mesmo teto. Sabe-se que João Maria buscava, como bom católico, a amizade dos padres. Os tinha em alta conta, chegando, até mesmo, a dirigir rezas em favor do padre João Dias de Arruda, na Capela de Ipanema, depois da missa (CABRAL, 1960, p. 110). Seu ímpeto religioso católico o arremessava em direção das lideranças religiosas. Estando em Sorocaba, não as procuraria? Resta, ainda, uma última hipótese de encontro. É sabido que, já instalado em Sorocaba, José Manoel visitava com alguma frequência os protestantes de Ipanema. Não seria esperado que aproveitasse suas idas para conhecer o “visitante” que já se destacava? O fato de João Maria ser italiano instigaria o catolicismo de José Manoel, ao menos a curiosidade. É possível que, embora já claro simpatizante dos protestantes, não apenas se compadecesse do eremita, mas, até mesmo, o visse com “bons olhos”. Conquanto católico fervoroso, João Maria era um não conformista. Era um “devoto exclusivo” que vivia para a religiosidade que abraçou diferindo radicalmente dos sacerdotes católicos, cuja maioria vivia a religiosidade dos templos. Sua vida humilde, desapegada de todo bem material aliada à sua consideração pelos mais humildes e sua devoção sacrificial, completaria o quadro da práxis de João Maria, que, é nossa opinião, impactaria e faria eco com as aspirações de José Manoel, uma vez oportunizado o contato entre eles.

## 4.1. O DIÁLOGO

Admitindo que José Manoel e João Maria tenham se encontrado, o que teriam conversado? Primeiramente, é necessário

JOSÉ MANOEL DA CONCEIÇÃO E JOÃO MARIA DE AGOSTINI, p. 100-131  
*Jair de Almeida Júnior*

117

notar que havia sensível diferença de idade entre eles. João Maria chegou a Ipanema aos 43 anos, enquanto José Manoel havia ultrapassado apenas dois anos das suas duas décadas de vida. Italiano, muito religioso e consideravelmente mais velho, é provável que o devotado religioso estrangeiro tenha imprimido certo respeito e atenção ao jovem subdiácono. Deve ter sido a “pauta” do primeiro encontro: 1. o interesse de José Manoel, como católico aspirante ao sacerdócio, por relatos sobre Roma e o Vaticano; 2. o chamado de João Maria para ser um missionário de Maria pelo mundo; 3. a devoção do monge a Santo Antão, considerado pai do monasticismo, em linha com a tendência solitária de José Manoel. É importante lembrarmos que no tempo em que João Maria se estabeleceu em Ipanema, ele ainda não era conhecido como “monge”. Era um devoto eremita, como se apresentou na Câmara de Sorocaba. Sua “messianidade” só o alcançou explicitamente em Santa Maria, Rio Grande do Sul. Lá foi aclamado “santo”, a ponto de considerarem miraculosas as águas das fontes do local devido à sua presença (ALMEIDA JUNIOR, 2009b, p. 83). Destarte, a leitura que o aspirante ao sacerdócio José Manoel faria de João Maria era a de um dedicado e comprometido católico, que assumiu a pobreza a fim de cumprir a missão que acreditava ser chamado. Tendo havido esse diálogo, acreditamos que José Manoel ficaria profundamente impressionado, o que poderia tê-lo influenciado mesmo no seu posterior proselitismo no protestantismo. Pode ter sido esse o estopim para a assimilação, por José Manoel, desse método de propagação da religiosidade rústica, adaptado à pregação e doutrina protestante.

## 4.2. MEIA-BATINA

---

Quando de seu provável contato com o “monge”, José Manoel não havia, ainda, renunciado ao romanismo. Era subdiácono católico recém-ordenado, provavelmente, ansioso por alcançar sua ordenação ao sacerdócio. Foi respirando o sempre fresco ar protestante das manhãs de Ipanema que José Manoel viu suas aspirações católicas cada vez mais rarefeitas. Possivelmente, ali começou a se acentuar um dilema que, até então, poderia ser descrito como apenas “não conformismo”. A ami-

zade com os protestantes despertava-lhe a assimilação de novos e atraentes conceitos de fé. Segundo seu próprio depoimento: “A leitura da Bíblia e minha relação com os protestantes fizeram de mim um mau candidato, e, mais tarde, péssimo padre romano” (FERREIRA, 1992, p. 45). Por sua vez, isso confirma o conflito que se asseverou em Ipanema. O “flerte” com os “hereges” se opunha àquilo que ansiava desde a casa de seu “pai” tio-avô. Como que nas pontas dos pés, tentando alcançar a batina que ainda se mostrava um ideal mais elevado, sabia que um escorregão o lançaria por terra, fazendo que seu objetivo original jamais se tornasse possível. Todo esforço para concluir a carreira do sacerdócio se via ameaçado, como o corredor que desiste da vitória a poucos passos da linha de chegada. A atraente fé protestante, se abraçada, ele sabia, importaria total ruptura com o catolicismo, que culminaria em sua excomunhão, como de fato aconteceria. A batina não mais lhe serviria, “ficaria pequena” quando por fim lhe oferecessem a exuberante toga protestante. Aquela seria abandonada, pois o exporia à vergonha. Se admitirmos essa psique de José Manoel, parece-nos lógico que a chegada do monge contribuiu para que o dilema protestante se tornasse ainda mais pungente. Já vimos o quanto José Manoel valorizava a vida sacrificial, herança de sua educação jansenista agostiniana, o que, ainda mais como católico que era, o levaria a estimar o ascetismo do anacoreta. Também, a zombaria que os protestantes dirigiam ao ermitão, que diziam “o bugio está roncando na serra”, uma troça que o associava aos muitos símios que costumeiramente alardeavam a presença nas matas da montanha (RIBEIRO, 1979, p. 44), bem como, chocarrices quanto às suas vestes, barba e cabelos compridos, sua exagerada gesticulação (como bom italiano), e provavelmente, seu linguajar (CABRAL, 1960, p. 109, 111), possivelmente não passavam despercebidas a José Manoel. Vetusto, eremita por profissão, quando lhe franqueavam a palavra na missa da capela, eram muitos os impropérios por parte dos operários, que reconheciam em sua prédica apenas asneiras. Se a presença de José Manoel coincidiu com João Maria em Ipanema oportunizando vivenciar tais atitudes contra o solitário religioso, teria permanecido indiferente a isso? Se, por um lado, os protestantes não escondiam sua reprovação a João Maria, por outro, os sertanejos o tinham em alta conta, especialmente por sua intensa e prioritária

devoção, sua vida simples, sem falar na atenção que dava àqueles que o buscavam. Mais tarde, já como pregador evangélico, José Manoel diria o seguinte: “Ó meu Deus! Eu respeitarei a religião do ignorante, a fé daqueles que não tem tantas ocasiões de conhecer-vos, de venerar-vos de modo mais digno. Jamais servirei à vaidade e presunção, de tal sorte que abale a fé piedosa dos outros com palavras e ações inconsideradas” (RIBEIRO, 1995, p. 19). Se ele já mostrava tal consideração em seus tempos de romanismo, dificilmente desprezaria o empenho de João Maria. Isso, no provável e breve tempo que passou em Ipanema com o ermitão, certamente colocaria em lados opostos sua defesa pela crença do ignorante e sua vocação jansenista agostiniana, sua simpatia pelo sertanejo brasileiro e a atração pelo protestantismo dos estrangeiros, a identidade do campesino pela vida simples e monacal do italiano e a sofisticação europeia dos trabalhadores da fundição.

## 5. SEMELHANÇAS

---

Vejamos a seguir as principais características que aproximam a prática de José Manoel daquela do primeiro “monge” do Contestado.

### 5.1. REVOLUCIONÁRIOS?

---

Certamente é um exagero dizer que José Manoel e João Maria foram revolucionários. No entanto, por mais absurdo que pareça, ambos estão ligados a insurreições. Como vimos, José Manoel subscreveu a declaração da Revolta Liberal, de 17 de maio de 1842. Referindo-se ao “pai de criação” de José Manoel, Boanerges Ribeiro (1979, p. 43) opina: “Padre Mendonça, envelhecido e sensato, era avesso a políticas e revoltas; nem mesmo era íntimo de Rafael Tobias. Assinara a ata da rebelião, mais por solidariedade com os paroquianos que por interesse no assunto, parece-me”. Portanto, se o experiente tio-avô não era afeito à revolta, é provável que seu sobrinho-

neto, “filho de criação”, também não o fosse. Embora a juventude seja mais afeita à truculência, aparentemente o perfil de José Manoel não favorecia tal tipo de comportamento. Conquanto falte documentação para essa afirmação, parece-nos claro que, uma vez que o padrinho a assinou, certamente o faria, leal e solidário àquele que o acolheu. João Maria de Agostinho, de igual forma, jamais pretendeu uma revolta. Na verdade, nem mesmo viveu para ver seu nome associado a uma revolução estribada em messianismo. A Guerra do Contestado ocorreu entre os anos 1912 e 1916, no Planalto Catarinense e sul do Estado do Paraná. O “nosso” João Maria, o primeiro, pois houve outro que incorporou o seu nome, morreu não se sabe quando ou onde. O que se tem sobre seu desaparecimento não passa de informações esparsas. Sabe-se que não chegou ao século XX, uma vez que é documentado que nasceu em 1801. O que rompeu a barreira do século XIX foi o provavelmente sírio Anastás Marcaf, que assumiu a alcunha de João Maria de Jesus. Na mentalidade do campesino sulista, os dois compuseram um único personagem, o “seu” João Maria. João Maria II é visto apoiando os revoltosos na Revolução Federalista. Contudo o primeiro nunca estimulou ou se utilizou de violência, mesmo quando expulso injustamente de Santa Maria (CABRAL, 1960, p. 114-119). José Manoel e João Maria também nisso se parecem: ambos foram ligados a insurreições sem, de fato, pretenderem-nas. O primeiro, consciente do que fazia, porém, aparentemente, sem a desejar. O segundo, sem nunca ter sabido que sua vida seria vinculada a uma das maiores revoluções de nosso país, autêntico movimento messiânico nacional. Ambos, prováveis vizinhos em Ipanema.

## 5.2. PRÁTICA MÉDICA

Fato geralmente pouco enfatizado é que José Manoel praticava enfermagem em suas visitas. Possuía tal treinamento e o colocava a serviço do povo que visitava. Deve-se considerar o quanto o sertanejo era carente desse tipo de cuidado. Havia a medicina popular, baseada em chás e emplastos de ervas, bem como as crendices e os benzimentos muito comuns no sertão

brasileiro. Todavia, quando a doença se mostrava resistente ao “mais profundo” conhecimento insipiente do campesino, a percepção da gravidade da enfermidade os impulsionava a grandes distâncias, viagens que às vezes levavam dias, em busca de médico e de remédio. João Maria associava cura por meio de rezas e ervas (VINHAS DE QUEIROZ, 1981, p. 57-58). Quanto a José Manoel, não é comum reconhecer em sua prática de enfermagem uma estratégia de evangelização. O que podemos dizer é que, conscientemente ou não, por certo ela o auxiliou na aproximação de fazendeiros, peões e caboclos. Diante da necessidade de tratamento médico, as famílias tenderiam a dar abertura à pregação do protestantismo. A prática da enfermagem como estratégia de evangelismo é utilizada, até hoje, por agências missionárias protestantes no mundo todo, especialmente em países, povos e regiões carentes. Todavia, no caso do Padre Protestante, o tratamento de enfermidades geralmente é visto apenas como retribuição à hospedagem nas casas que o acolhiam.

### 5.3. ITINERÂNCIA

---

José Manoel é descrito como alguém que em sua história mostra excentricidade e genialidade, um evangelista ardoroso e andarilho solitário (HACK, 2001, p. 67). Primeiro pastor ordenado no Brasil, a ele é atribuída a reformulação da estratégia missionária na implantação do protestantismo em nosso país. O método de grandes concentrações utilizado pelos pregadores americanos nas regiões de fronteira nem chegou a ser cogitado. Seria praticar reducionismo, é verdade, se limitássemos a obra missionária no Brasil à evangelização grupal. Foram utilizadas outras estratégias de disseminação do protestantismo, como o ensino nas Escolas Dominicais e a fundação de escolas seculares de orientação protestante (MENDONÇA, 2008, p. 144-167). A importância de José Manoel, não apenas para o presbiterianismo, mas para o protestantismo brasileiro de forma geral está na adoção de trabalho itinerante, motivado inicialmente pela responsabilidade que sentia de visitar os locais onde havia servido como sacer-

dote, agora como profeta de uma nova religião cristã (ALMEIDA JUNIOR, 2009a, p. 198). O que impulsionou José Manoel às poeirentas estradas do interior paulista e mineiro foi seu desejo de corrigir aquilo que havia feito como sacerdote católico. Empenharia todo esforço para completar essa missão. Assim, José Manoel iniciou suas jornadas de forma similar àquilo que fizera o apóstolo Paulo havia muitos séculos (HACK, 2001, p. 74). Essa comparação é sugestiva, pois serve para nos mostrar que, provavelmente, o passado foi para José Manoel uma mola mestra mais tencionada do que para o “apóstolo dos gentios” (Rm 11.13). Paulo detinha uma “consciência robusta” como judeu. A avaliação de Paulo quanto ao seu passado judeu é a de ser um sincero enganado, isto é, acreditava fazer o certo (ALMEIDA JUNIOR, 2006, p. 275, 278). Todavia, esse não parece ter sido o caso de José Manoel. Ele, ainda católico, recebeu a alcunha de “Padre Protestante”. Aparentemente, mostrou alguma insegurança com o seu catolicismo desde cedo, o que fica patente em sua inclinação ao protestantismo. Parece que sua consciência o acusava de ter ensinado e exigido algo sobre o que nem mesmo ele acreditava. Contudo, a dúvida observada nos tempos de sua frágil batina e rotas convicções transformou-se em couraça de fé em suas peregrinações pelo sertão como pastor presbiteriano.

Outro fator que levou José Manoel a palmilhar o sertão como evangelista protestante foi sua crença de que era necessário fazer chegar a Bíblia nas mãos do povo, não apenas dos brasileiros, mas de todas as nações. Cria que essa era a única forma de a igreja experimentar sua real catolicidade (HACK, 2001, p. 74). Empenhou-se pessoalmente para ir até o necessário, abandonando o conforto das cidades para singrar o agreste. Falando-se estritamente da responsabilidade autoimposta de José Manoel, percebemos que seu evangelho incluía uma missão ao povo. Muitas vezes, nem mesmo se sabia seu paradeiro determinado, exatamente o mesmo padrão de comportamento assumido por João Maria. Deve-se ainda constatar que o possível encontro entre José Manoel e João Maria teria se dado antes da visita feita àquele por A. L. Blackford, este missionário americano presbiteriano. Pode ser que a metamorfose de José Manoel tenha sido um processo, passando



por uma vocação intermediária, inspirada no procedimento de João Maria e no catolicismo popular que modelaria seu ministério protestante posterior. Destarte, o curso seria descrito como segue: da sua conflitiva relação com a ortodoxia católica despertou-se para o catolicismo itinerante, quanto ao método e dedicação, ao mesmo tempo que era atraído pelos conceitos doutrinários do protestantismo, que lhe pareciam mais coerentes. O resultado é quase uma fusão: sintetiza a itinerância e o despojamento dos anacoretas rústicos com a doutrina reformada. Em sua conversão ao protestantismo, adapta-o à realidade brasileira.

## 5.4. VIDA SIMPLES

---

É possível que o modo de vida simples fosse o que mais se destacava no procedimento de José Manoel e João Maria. Conscientes de seus respectivos chamados, algo que ia, certamente, muito além de uma consciência, revestiam-se do místico e do sobrenatural. A certeza resultante impelia-os à frente, até que a morte lhe fechasse os olhos para não mais enxergar a jornada. É necessário observarmos que o século XIX foi tempo de grande atividade religiosa informal em nosso país. Como que por “movimento de inércia”, o afã religioso rústico invadiu o século XX. Movimentos messiânicos surgiram em várias partes do país (PEREIRA DE QUEIROZ, 1977, p. 220-305). O sertão brasileiro respirava religião. O faro religioso aguçado do campesino captava o “forte odor” de anacoretas que suavam sob o sol do agreste e se multiplicavam por todo o país. Contrastando com os sacerdotes romanos, tidos, muitas vezes, como exploradores e imorais, os “profetas caipiras” vestiam a “grife cabocla”, vivendo de forma extremamente simples como o povo. Embora com uma proposta religiosa tão distinta e peculiar, protestante, com vestes simples, surradas sem clemência, José Manoel se enquadrava no estereótipo do religioso popular, ligado às expectativas dos habitantes do sertão. Curiosamente, foi se radicando mais e mais na solidão e na pobreza. Boanerges Ribeiro (1979, p. 211) o descreve no ocaso de seu último dia da seguinte forma: “Era homem pobre e

mal vestido. Velha calça de zuarte, camisa de algodãozinho, e surrado paletó de alpaca preta. Pés descalços”. Certamente, sua aparência não diferia da dos anacoretas que cruzavam o sertão. João Maria é descrito trajado de paletó e calças bem usadas, sandália de tiras ou descalço e chapéu de jaguatirica (ALMEIDA JUNIOR, 2009b, p. 186). Aparentemente, a forma de vestir de ambos mostra muito mais do que um “guarda-roupa” modesto, a consciência do despojar de tudo o que possa aparentar ostentação. Na verdade, a indumentária refletia aquilo que viviam. José Manoel ficou conhecido como alguém que portava o mínimo irredutível à sobrevivência, às vezes, menos que isso. Nada pedia para si mesmo: o que tinha e recebia, oferecia aos outros (HACK, 2001, p. 75). É impressionante observar que o procedimento de João Maria é rigorosamente o mesmo. Essa forma despojada teria sido uma influência de João Maria? É indiscutível que esse era o modelo de vida encontrado no primeiro monge do Contestado. Se o provável encontro entre os dois personagens, de fato, ocorreu, pode ser que tenha colaborado para “ativar” em José Manoel tendências que já lhe eram tão conhecidas, em razão de sua formação católica, enfaticamente penitencial.

João Maria recusava o pouso nas casas, preferindo dormir sob o dossel verde da copa das árvores. O máximo que aceitava dos devotos era alguma comida. Tudo o que pretendiam lhe dar, logo repassava para diminuir a carestia dos tão miseráveis quanto ele. Teria a origem católica de ambos, especialmente, o modelo mendicante determinado esse padrão? Em nossa opinião, é possível que o conceito de penitência, conjugado à consciência de tão grande culpa, pode ter gerado a simplicidade e a frugalidade observadas posteriormente tanto em José Manoel quanto em João Maria. Para aquele, transmudados por ocasião da sua conversão ao protestantismo, assumiram a forma de dedicação sacrificial, destituída da ideia de “satisfação pelo pecado”, uma espécie de “obrigação de gratidão” e obra não meritória; na linguagem paulina, “a libação sobre o sacrifício” (Fp 2.17). É curioso que o monge João Maria também tenha mostrado forte ênfase penitencial, o que levou a “sacrifícios” semelhantes aos do Padre Protestante. De igual forma, o monge assumiu um comportamento autônomo, isto é, sem a necessidade de sacerdote, conceito que se coaduna

àquilo que vemos no catecismo estudado por José Manoel. Parece que a conversão do padre em protestante conjugou tendências jansenistas com a ênfase penitencial, moldando contornos graves, profundas linhas de expressão e sulcos de sofrimento em sua face. Quando a consciência de suas próprias faltas conduziu-o à certeza de outra “falta”, a dos méritos diante de Deus, percebeu que só lhe restava o caminho da graça. A mesma pressão que se observou em Lutero, notou-se em José Manoel. Como assevera a doutrina dos reformadores, ante o desespero pelo peso causado na busca da satisfação dos próprios pecados, descobre-se a satisfação unicamente na graça de Cristo. Depois dessa argumentação, resta-nos saber se ambos desenvolveram hábitos semelhantes por causa dos mesmos matizes sociais e tradições, ou se foi fruto de alguma interação entre si.

## 5.5. PREFERÊNCIA SOLITÁRIA

Chama-nos a atenção o fato de João Maria ser devoto de Santo Antão, conhecido “pai” do monasticismo, nascido no Egito, em aproximadamente 251 d. C. Este, quando tinha cerca de 20 anos, diante da morte de seus pais, decide tomar para si aquilo que Jesus Cristo havia dito ao jovem rico: “Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me” (Mt 19.21). Deixou sua jovem irmã sob os cuidados de uma comunidade de virgens, distribuiu toda a sua herança e passou a viver no mais intenso ascetismo (CARRIKER, 1999, p. 48). Há grande chance de Agostinho ter sido influenciado diretamente pelo exemplo de Santo Antão, não apenas na piedade e devoção, mas, também, em algumas práticas ascéticas vistas em sua vida. Uma vez que João Maria vivia como eremita e buscava a solidão, sua devoção a Santo Antão se faz mais do que coerente e esperada. Quando consideramos a base religiosa de José Manoel e João Maria talvez a intersecção seja, exatamente, o bispo de Hipona, por causa do jansenismo agostiniano e ascético (HOPE, 1992, p. 358). Destarte, quer diretamente, quer via Agostinho e Jansen, parece que a vida de Santo Antão

influenciou tanto José Manoel quanto João Maria. Ambos buscavam viver a concepção de piedade que conheciam e a solidão. Uma vez que comumente os católicos não apenas recebiam “nome” de “santos”, mas costumavam estabelecer, com especialidade, devoção a tal santo, poderíamos especular se João Maria observava esse princípio, especialmente no que diz respeito ao “de Agostini” ou “Agostinho”. Os últimos anos do Padre Protestante mostram um andarilho, praticamente mendigo, já com a saúde debilitada e relatórios cada vez mais esparsos. Suas últimas palavras talvez traduzam o desejo que esteve em seu coração boa parte da vida, uma espécie de lema: “Quero ficar a sós com Deus” (RIBEIRO, 1979, p. 212). Era na reclusão que buscava a comunhão mais profunda com o seu Senhor.

Soma-se a isso a preferência à privação do casamento. José Manoel e João Maria optaram pelo celibato. É certo que esse procedimento se coadunava à proposta de “missão” que ambos reconheciam ter. Embora herdeiro do catolicismo, uma vez protestante, José Manoel não teria por que não se casar, a não ser que reconhecesse nisso algum impedimento para a obra que pretendia. Se já concebia um modelo de pregação itinerante, certamente, o matrimônio seria um empecilho. Também João Maria não se casou. Embora católico, não era “casado com a Igreja”, sendo-lhe, portanto, franqueado e garantido o direito de “dividir sua caverna” com alguém. Todavia, pode ser que houvesse outro motivo: uma liderança de prestígio, enfatizada pela crença popular da “impureza” do sexo e da santidade da abstinência (ALMEIDA JUNIOR, 2009b, p. 104, 105), fator esse corroborado na mente do sertanejo pelo celibato que os padres deveriam praticar. Teria sido o caso de José Manoel ainda não ter digerido completamente a viabilidade do matrimônio para si? Será que algo de sua personalidade “sacerdotal”, edificada por mais de quarenta anos no catolicismo, permanecia em meio aos escombros de sua antiga religiosidade, depois de demolida pela “maça” protestante? Seria possível que, como “missionários do sertão”, o monge Contestado e o Padre Protestante deveriam assumir esse modelo para terem crédito diante do povo? É nossa opinião que, deliberado ou não, o fato de ser um “religioso” não casado facilitaria sua acei-

tação nos rincões por onde passou. Por saber e ter vivido isso em seu tempo de sacerdote possivelmente se constituiu em influência, mesmo que inconscientemente.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

José Manoel da Conceição e João Maria de Agostini estiveram algum tempo residindo muito próximos, ou, até mesmo, na mesma localidade. São várias as semelhanças que os aproximam tanto na formação católica como na prática dos chamados que ambos reconheciam ter. Tais “coincidências” podem estar ligadas a alguma interação entre eles em Sorocaba ou mesmo relatos repassados pelo povo. José Manoel em contato com João Maria possivelmente ficaria impressionado em razão de sua dedicação, ser italiano recém-chegado e consideravelmente mais velho. Se assim foi, os calvinistas comemoram e reconhecem aí a doutrina da soberania de Deus. Dois personagens que marcaram a religiosidade brasileira com pensamentos tão diferentes foram deliberadamente colocados juntos pelos designios divinos para originar um modelo missionário tão peculiar, inédito no protestantismo de então: a itinerância, nos moldes dos anacoretas do agreste. Considerando a hipótese de terem se encontrado exatamente no momento em que José Manoel via-se cada vez mais protestante, pode ter assimilado algo da religiosidade popular, o modelo despojado de “profeta rústico” muito comum na época. É evidente que José Manoel assumiu o método “andarilho” dos profetas populares e que isso contribuiu enormemente para a expansão do protestantismo no Brasil. Resta-nos saber se isso se deu como fruto do provável contato com João Maria e se foi consciente ou não. De qualquer forma, fica evidente que um matiz social formata a propagação religiosa, mesmo de credos tão diferentes. Por fim, é certo que não temos a intenção de reescrever a história. O objetivo é contribuir com informações nunca exploradas, que ligam dois personagens tão importantes no panorama religioso brasileiro. Aberta fica a porta para outras pesquisas que venham elucidar muitas das questões ora sem resposta.

# JOSÉ MANOEL DA CONCEIÇÃO E JOÃO MARIA DE AGOSTINI: TWO FACES IN POPULAR RELIGIOSITY

## ABSTRACT

Born in São Paulo City, José Manoel da Conceição was created by his great-uncle priest after his mother's death. His new address became Sorocaba. He suffered strong Jansenist influence in his education, with emphasis in penitence and in introspection. Already like sub deacon, assigned the *acta* of the Liberal Revolt probably more by sympathy for his "stepfather". After, José Manoel goes work in a small village called Ipanema originated by installation of a foundry. It was in its surroundings that João Maria was lived. At the chapel of the Village where watching José Manoel like sub deacon, that was franchised the word to the hermit by the foundry's director. On Christmas Eve, 1844, João Maria made his register of stranger in Sorocaba, stating to be resident in the region yet. For some time, José Manoel and João Maria had opportunities for meeting, since on 29 September 1844, the first is ordered deacon and goes to center of Sorocaba. Others possibilities are seen in the celebrations of Christmas, 1844, and the visits of José Manoel for his Protestants friends, at Ipanema. The probability of have had some contact can find some support in "popular religious" pattern adopted by José Manoel later, seen in simplicity almost ragged, refusing receive anything gift like "payment" or gratitude by religious services, the direct living together with the people instead of institutionalized religion. Even historically, the lives of José Manoel e João Maria approach themselves, to have been involved in two insurgencies: the Liberal Revolt and the Contestado War, respectively. It is likely that José Manoel still retained some influences of his previous Catholicism, especially seen in his tendency to independence no rebel (Jansenism), to loneliness (monasticism), what includes the continuity of celibacy, although he had manifested his disagree about this practice, still like catholic. Possibly, this option was exercised to be more convenient to the model of evangelism that had adopted. This argumentation serves to show that is plausible the hypothesis of two characters had met, and, who knows, it has served of influence for that José Manoel had a "popular religious" pattern in his protestant evangelism.

## KEYWORDS

---

José Manoel; João Maria; popular religious; itinerancy; Protestant mission.

## REFERÊNCIAS

---

ALMEIDA JUNIOR, J. *A agonia e o fracasso do não regenerado em Romanos 7.7-25*. 2006. Dissertação (Mestrado em Messianismo, Antropologia, Ciências da Religião e Exegese de Novo Testamento)–Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. (Mesmo) para bom entendedor, meia palavra (não) basta. *Revista USP*, São Paulo, n. 81, mar./abr./maio, 2009a.

\_\_\_\_\_. *Sementes da esperança: floresce a “Santa Religião” em solo catarinense*. 2009. Dissertação (Mestrado em Messianismo, Antropologia, Ciências da Religião e Exegese de Novo Testamento)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009b.

CABRAL, O. R. *João Maria*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

\_\_\_\_\_. *A Campanha do Contestado*. 2. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

CARRIKER, A. P. Antony of Egypt. In: FITZGERALD, A. D. (Org.). *Augustine Through the Ages*. Grand Rapids/Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 1999.

COLEÇÃO CARVALHOSA. Registro das viagens de José Manoel da Conceição – Arquivo Histórico da Igreja Presbiteriana do Brasil, [s. d.].

FELIPPE, E. J. *O último jagunço*. Curitiba: Universidade do Contestado, 1995.

FERREIRA, J. A. *Galeria evangélica*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1952.

\_\_\_\_\_. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 1992. v. 1.

GRANERO, F. S. From prisoner of the group to darling of the Gods: an approach to the issue of power in lowland South America. *L'Homme*, Paris, v. 33, n. 126-128, p. 213-230, abril 1993.

HACK, O. H. Rev. José Manoel da Conceição: o primeiro pastor presbiteriano brasileiro. In: VV. AA. *José Manoel da Conceição: o primeiro pastor brasileiro*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2001. (Séries Colóquios).

HATCH, N. O. *The democratization of American Christianity*. New Haven; London: Yale University Press, 1989.

HOPE, N. V. Jansen, Cornelius Otto. In: ELWELL, W. A. (Ed.). *Enciclopédia Histórico Teológica da Igreja Cristã*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1992. v. 2.

MAGALHÃES, F. (Org.). *Cemitério dos protestantes: repouso de ilustres*. São Paulo: Associação Cemitério dos Protestantes, [19--].

MATOS, A. *Os pioneiros*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

MENDONÇA, A. G. *O celeste porvir*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. *O messianismo no Brasil e no mundo*. 2. ed. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1977.

RIBEIRO, B. *O padre protestante*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1979.

\_\_\_\_\_. José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica. São Paulo: O Semeador, 1995.

SIMONTON, A. G. *O diário de Simonton*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

VINHAS DE QUEIROZ, M. *Messianismo e conflito social*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1981.